

COSTA, Murilo Jardelino da. *A festa da língua*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010. 184p.

Sobre Festa da Língua

É com boas vindas que recebemos – *A Festa da Língua* –, livro que aborda a obra do pensador tcheco-brasileiro Vilém Flusser, mundialmente conhecido a partir de 1983 com o livro a *Filosofia da caixa preta*, que contém muitas de suas reflexões acerca dos novos meios tecnológicos de comunicação.

Os dozes ensaios que compõem o livro são o resultado do Seminário *A escrita*, de Vilém Flusser, evento realizado em 2010, na Biblioteca Victor Civita, instalada no Memorial da América Latina, em São Paulo, e que teve a coordenação de Murilo Jardelino da Costa. O livro é instigante ao proporcionar ao leitor um panorama abrangente da obra flusseriana, percorrendo tanto a “fase brasileira” como a “fase européia” de seu pensamento, sem, contudo, deixar de analisar, com minúcias, sob as diferentes abordagens dos autores, as reflexões do filósofo e de seus efeitos para o mundo contemporâneo.

O ensaio que abre o livro, “Meu bem, você não entendeu nada: a generosidade cética de Vilém Flusser”, do pesquisador carioca Gustavo Bernardo Krause, aponta para o método cético de questionamento do filósofo tcheco-brasileiro. Flusser, assim como Descartes, quer restaurar a dúvida, para resguardar toda a integridade do intelecto. Seu entendimento é o de que se preservando a dúvida, recuperar-se-ia uma atitude imparcial contra os próprios hábitos do pensamento. Se Descartes instrumentaliza a dúvida cética, para achar um princípio indubitável, claro e distinto e, assim, acabar com toda a dúvida, Flusser quer preservá-la ao modo cético, como um crivo contra todo dogmatismo. Vilém Flusser suspende o juízo aos dogmas da ciência, eles, os dogmas, não são verdades indubitáveis. O filósofo considera a Ciência como um discurso estruturado por uma linguagem específica, linguagem esta que se propõem a simbolizar a realidade, por conseguinte cada discurso é relativo à ontologia específica de sua língua. Quando a ciência muda, muda-se também o discurso dogmático vigente, por exemplo: a física de Aristóteles é o discurso vigente para a época medieval, a física de Newton para a época moderna, e a física de Einstein para a época contemporânea. Flusser tem um ceticismo mitigado

1 Psicólogo, formado pela Universidade FUMEC e aluno do 7º período de Filosofia da UFMG.

como método de pesquisa, suspende o juízo frente ao dogmatismo da ciência, mas, no entanto, afirma a ontologia da língua como fundamento estruturador da realidade. Cada língua tem o poder de construir uma realidade que lhe é própria. Deste modo, todo discurso tem um caráter ficcional para Flusser, seja ele, religioso, científico ou político, pois cada discurso não é construído pelo acesso direto à natureza da realidade, mas apenas como a realidade “aparece” para tais discursos, e este “aparece” depende de cada ponto de vista. A realidade “aparece”, para o filósofo, estruturada pela língua e cada língua articula a realidade de acordo com a sua estrutura interna. Logo, a realidade não é dada pelas coisas em si mesmas, ela não é objetiva, mas sim sempre uma construção, mediada pela relação lingüística que estabelecemos com ela. Flusser, como um cético, suspende o juízo para uma base racional, objetiva e indubitável da realidade, mas quer preservar a fé na realidade “como se” ela fosse verdadeira para podermos seguir a vida.

O pesquisador suíço Rainer Guldin em “Arte é ‘poiesis’: ela cria a realidade: considerações sobre a concepção de arte em Vilém Flusser” explora, detalhadamente, a concepção de arte que permeia todo o pensamento flusseriano. Sua análise aclara a noção de arte para Flusser, que tem um aspecto muito mais de criação, de instauração de modelos para a sociedade, do que o aspecto mimético, de mera cópia da natureza. Por conseguinte, o que lhe é mais preponderante na concepção de arte em Flusser é justamente sua capacidade de criação, de projeção de modelos, que tem como efeito a expansão da realidade.

O pesquisador nos leva a refletir que a arte é aquela que é capaz de completar o que a natureza não foi capaz de fazer sozinha com seus meios, dando sentido para a experiência humana. Assim como Heidegger, que fez a proposta de ‘desestetizar’ a estética, isto é, retirá-la de um âmbito específico, justamente para recuperar toda a sua força, e, com isso poder inseri-la no debate ontológico, Flusser também procura pensar a arte em seu aspecto ontológico, entendendo, como Heidegger, que a entrada da arte em um âmbito específico e autônomo representaria uma despotencialização de todo o seu poder poiético. Flusser pretende ontologizar a arte, pensando-a em um âmbito interdisciplinar, para assim poder recobrar todo o seu potencial produtivo e crítico para a sociedade contemporânea.

Milton Pelegrini, no ensaio “Uma teoria da Mídia brasileira: o conceito de ‘tecnoimagem’ de Vilém Flusser” analisa alguns artigos de Flusser publicados na década de 1960, no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, como um dos fundamentos filosóficos para o conceito de ‘tecnoimagem’, que será imprescindível para sua teoria da mídia. A elucidação do conceito de tecnoimagem ou imagem técnica, na filosofia de Vilém Flusser, possibilita uma compreensão ontológica dos códigos contemporâneos de comunicação. Os meios de comunicação, mais difundidos na sociedade contemporânea, têm a imagem como

código preponderante. Para o autor, as novas imagens que são produzidas por aparelhos levam a certas mudanças na cultura contemporânea, tais como: a sincronização da sociedade, a transferência do interesse do concreto para o abstrato, a autonomia da imagem como realidade própria, esses efeitos inerentes a novas imagens trazem à baila a pertinência das reflexões de Flusser sobre os avatares dessas novas imagens.

No texto de José Eugenio Menezes “Comunicação dialógica e comunicação discursiva em Vilém Flusser”, o autor procura analisar a teoria da comunicação do filósofo tcheco-brasileiro que se inicia na segunda metade da década de 1960 posteriormente à fase lingüística existencial de *Língua e Realidade*.

Flusser pensa a comunicação humana sob um caráter existencial, transformando-a em uma rica reflexão sobre a condição humana. Assim pensada, a comunicação é um meio intersubjetivo de busca de sentido diante de um mundo absurdo e caótico, comunicamo-nos para articular uma possível saída da solidão e de negar simbolicamente a morte biológica, ou seja, criamos, armazenamos e distribuimos informação para tentar tornar suportável nossa condição humana.

José Eugenio concentra sua exposição nos dois princípios que dão estrutura na teoria da comunicação em Flusser: o discurso e o diálogo, princípios intersubjetivos, que possuem uma relação íntima de dependência. Se, por um lado, o diálogo tem por meta a própria intersubjetividade, criando informação por recombinação das informações já existentes, por outro lado, o discurso é o meio objetivo pelo qual se armazena tais informações novas que, posteriormente serão difundidas. Uma sociedade humana, para Flusser, seria o equilíbrio dessas duas posições. Para o filósofo, indagar qual dos dois têm precedência é uma pergunta sem sentido, pois ambos estão de uma forma ou de outra sempre atados.

Márcio Seligmann-Silva, em “Para uma Filosofia do exílio: A. Rosenfeld e V. Flusser sobre as vantagens de não ter uma pátria”, discute o tema “Intelectuais e processos de circulação cultural”, o autor quer pensar o local do intelectual da chamada “periferia”, em uma época de circulação intensa e desconstrução das hierarquias do tipo periferia-metrópole. Selgmann-Silva procura respostas para suas indagações analisando as experiências de Flusser e Rosenfeld, dois intelectuais exilados no Brasil que recusaram a carreira acadêmica para serem livres pensadores. Rosenfeld e Flusser estabeleceram uma relação de “amizade-inimizade”, foram próximos, mas nunca íntimos. Flusser tinha uma grande admiração por Rosenfeld que, se mantinha a uma distância respeitosa de Flusser.

Para Pablo Gasparini, em “Sobre a apatricidade da escrita: Flusser/Borges em perspectiva”, considerando o poliglottismo de Flusser como fundamental em sua escrita, o autor

estabelece algumas analogias na prática de tradução em *Língua e realidade* com certas observações sobre a mesma prática no relato *tlön, Uqbar, Orbis, Tertius*, de Jorge Luis Borges.

A pesquisadora tcheca Eva Batlickova com seu texto “Vilém Flusser, um pensador brasileiro” tem o mérito de mostrar a importância da realidade e cultura brasileira como ambiente que permitiu a emergência de muitas das reflexões e questões que acompanharam Flusser ao longo de sua obra.

Flusser é conhecido internacionalmente, a partir da década de 1980, pela publicação de seu livro *Filosofia da caixa preta*, como um teórico da mídia relacionado principalmente com o ambiente europeu. O ambiente que formou a personalidade de Vilém Flusser como filósofo, como professor e escritor, para a autora tcheca, foi sem dúvida o ambiente brasileiro. Flusser é um pensador brasileiro que se engajou em temas brasileiros, formulando uma filosofia não acadêmica, que não deixa de ser séria e escolhe a forma de ensaio para seus livros

A abrangente pesquisa de Eva, que percorre as obras escritas no solo brasileiro, tais como: *Língua e Realidade*, *História do diabo*, e *A dúvida*, resgata de maneira ímpar o papel essencial que a realidade e a cultura brasileira tiveram para fomentar o pensamento do filósofo, para assim construir uma ponte que ligaria a fase brasileira de Flusser, fase que a partir de 1960 se dedica à linguagem, com sua fase européia, quando volta para a Europa se dedicando à filosofia da mídia.

O texto “A pós-história de Flusser e a promessa do Brasil”, de Rodrigo Duarte, aborda com acuidade o livro *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*, livro que além de representar uma fase de transição do pensamento de Vilém Flusser, da fase brasileira para a fase européia, na qual se torna conhecido como teórico dos *media*, é um dos livros que Flusser melhor trabalha o conceito de pós-história.

Rodrigo Duarte analisa o livro com minúcia, percorrendo os capítulos de maior relevância para seu estudo, de modo a elucidar o conceito flusseriano de pós-história, trazendo à baila as mazelas que o conceito coloca para a sociedade contemporânea. Algumas destas mazelas expostas pelo autor são: a transformação de um mundo em um enorme aparelho, a diminuição progressiva da intersubjetividade pelo declínio de diálogos autênticos, e a programação da sociedade com o risco iminente de uma irreversível desumanização. Em um segundo momento, Rodrigo Duarte parte para a análise da *Fenomenologia do brasileiro*, livro em que Flusser analisa a realidade e cultura brasileira, para apontar a promessa que a cultura brasileira representaria para o debate da pós-história. Os fenômenos de síntese que a cultura brasileira é capaz, a centralidade que o jogo ocupa no cenário brasileiro e a atitude que os brasileiros têm em relação a ele, podem ser exemplos de fenômenos que enfrentariam as

mazelas causadas pela pós-história, possibilitando a ampliação das realizações humanas, para os países pós-históricos.

Maria Teresa Cardoso de Campos, no seu texto “A poesia na festa da língua”, articula o pensamento da fase brasileira de Flusser com o de sua fase européia, partindo de uma cuidadosa análise da poesia concreta, como um dos anúncios *avant la lettre* do fenômeno da pós-história.

A autora, através de sua análise, esclarece o porquê de Vilém Flusser com o movimento dos concretistas brasileiros. Teresa Cardoso escreve que a pós-história tal qual a poesia concreta, tem como uma de suas características preponderantes o fenômeno da projeção visual. No entanto, se, por um lado, a poesia concreta projeta um plano visual a partir de palavras, articulação produzida diretamente pela mão de um artista, por outro a pós-história tem como um de seus apanágios a projeção de imagens a partir de conceitos, projeção esta mediatizada por aparelhos, isto é, as imagens que dominam o nosso cotidiano, as imagens-técnicas, são projetadas por aparelhos que transcodificam conceitos em imagens, e vertem história (código linear da escrita) em pós-história (código bidimensional da imagem).

Na pós-história, o processo interno transcodificador do aparelho é velado pela caixa-preta e tem como vicissitude, dentre outras coisas, gerar um embotamento crítico de seus receptores, já que estas novas imagens são vistas como “realidade” e não interpretadas como “conceitos que imaginam a realidade”.

Os poetas concretos anunciam um dos fenômenos da pós-história de uma maneira autêntica e original, já que artesanalmente e não aparelhisticamente também trabalham em prol da visualização em suas poesias sem, no entanto, velar o processo que desloca a linearidade do discurso. A palavra, na poesia concreta, ascende ao estatuto imagético. Assim, a poesia concreta não quer apenas ser lida, mas também ser vista, pois se amalgama na poesia concreta tanto o aspecto conceitual, quanto o aspecto imagético no verso.

O texto da Teresa Cardoso nos coloca a pensar que, uma vez que os concretistas dão relevância para o aspecto visual em suas poesias, agem como projetores de conceitos (só que projetam palavras), mostrando algo que está para além do dizer. Todavia, diferentemente dos aparelhos, os poetas não mascararam o processo mediador que desloca a linearidade da língua para a bidimensionalidade do plano visual, agindo, dessa maneira, às claras. Rompendo deliberadamente com a linearidade do verso e explorando toda a dimensão gráfica e espacial, os concretistas reavivam, assim, nossa apreensão crítica, pois temos que percorrer tanto o caminho conceitual, quanto o plástico para a análise de suas poesias. Os concretistas são criadores autênticos para Flusser, porque vão contra a estagnação da língua, participando assim, desse modo, da “festa da língua”.

No seu texto, “Os espaços da escritura: pelos percursos de Flusser escritor-leitor”, Eliana Menezes de Melo discorre sobre percursos possíveis de leitura de *A escrita: há futuro para a escrita?* A autora considera o livro como um amplo estudo descritivo dos aspectos culturais e sociais da comunicação humana, que ao longo das épocas passou por diversos registros do verbal até a era contemporânea das imagens técnicas. Eliana Menezes discorre sobre o sentido de “decifração”, inerente a todo ato de ler.

Para Cláudia Martins, em seu texto “A autotradução como método de reflexão”, o trabalho de tradução como forma privilegiada de leitura e crítica remonta ao início da história da tradução literária ocidental. Por exemplo, o papel de Cícero que como tradutor da cultura grega trouxe para a cultura romana o conhecimento das mais proeminentes escolas filosóficas antigas, introduzindo um vocabulário filosófico de língua latina. Para a autora, com o fortalecimento dos ideais nacionalistas e a conseqüente valorização das línguas nacionais, a prática de tradução cai em declínio. Os poucos casos existentes de escritores que se autotraduzem são formados por aqueles que em sua maioria vivem em países em que se fala mais de uma língua. A autora investiga as particularidades de Flusser, que mesmo vivendo em um país em que se fala uma única língua, usa o método de tradução em quatro línguas como método de trabalho.

O último artigo que compõem o livro, “A escrita plurilingüística de Flusser no contexto da linguagem caleidoscópica”, de Murilo Jardelino da Costa, aborda as considerações sobre a tradução d’*A escrita*, de Vilém Flusser, bem como a prática de sua escrita. Em um segundo momento o autor investiga o sentido de ‘escrita’ como criação lingüística, como invenção.

Diante desse desenvolvimento teórico, que como se nota, é bastante abrangente, podemos dizer que os dozes ensaios que compõem o livro *A festa da Língua* constituem-se numa excelente fonte de pesquisa sobre a obra de Vilém Flusser, pela abundância de abordagens, assim como pelo amplo número de referências bibliográficas do filósofo.